

PORTUGAL ROMANO: ANOS 90

Os actuais limites do território português não correspondem a nenhuma província romana em especial, embora se enquadrem, na sua maioria, na Lusitânia. A região a norte do rio Douro situa-se, como se sabe, na Hispânia Citerior.

Por consequência, o conceito de «Portugal romano» constitui mera abstracção, destinada unicamente a facilitar o entendimento do que se escreve e a evitar, por outro lado, escusadas duplicações da parte dos investigadores. Acerca de Mérida e do seu território, nomeadamente, muito se tem investigado; mas, nesta panorâmica que ousadamente aceitei delinear, não irei imiscuir-me nesses domínios nem tão-pouco tratarei da Galícia na sua totalidade, quando obras há que tratam o lado de lá e o lado de cá duma fronteira administrativa inexistente ao tempo dos Romanos.

Solicitam-me que dê conta do estado actual dos estudos sobre a romanização em Portugal. O tema pode entender-se em duas vertentes: a actividade dos investigadores portugueses ou a actividade dos investigadores em geral a propósito das várias características desse espaço português aquando da dominação romana. Privilegiarei, pois, a primeira hipótese: porque, doutra sorte, teria que referir-me aos muitos estudiosos que, ultimamente, têm sentido uma grande atracção por esta faixa ocidental do Império, quer em obras sobre a Hispânia no seu conjunto (cito, a título de exemplo, Curchin 1991, Ojeda Torres 1993, Morand 1994, Le Roux 1995 e Salinas de Frías 1995) quer especificamente sobre a Lusitânia: refiro as actas das jornadas organizadas pelo Instituto de Ciências da Educação da Universidade de Extremadura, em Março de 1984, e publicadas por essa Universidade, em 1986, sob o título *Manifestaciones Religiosas en la Lusitania* (onde não interveio nenhum investigador português); ou o volume *Les Campagnes de Lusitanie Romaine - Occupation du Sol et Habitats*, que reúne as comunicações apresentadas na mesa-redonda realizada em Janeiro de 1993, em Salamanca, editado pela Casa de Velázquez (1994), em que a presença portuguesa já se fez sentir.

E escolhi a década de 90, porque ela detém, na verdade, um cariz particular: é que a década anterior viu nascer grandes sínteses (v. g., Alarcão 1988); sólidas monografias que tinham em conta a informação carregada até finais da década de 70 (exemplo: a de Tranoy 1981 sobre a Galícia, a de Le Roux 1982 sobre o papel do exército); revisões, que se pretenderam exaustivas, das fontes epigráficas (Encarnação 1984) e numismáticas (Centeno 1987)... E a década de 90 vai aproveitar não apenas dessas sínteses¹ mas também do novo material entretendo dado a conhecer, num notável incremento da investigação que aquelas obras —e não só, evidentemente— acabaram por determinar. Permita-se-me que realce, mais uma vez, como é disso testemunho —muito embora

¹ Aliás, também sobre a quase totalidade da década anterior existe já bibliografia que dela traça um quadro preciso: veja-se, por exemplo, o volume *Histoire et Archéologie de la Péninsule Ibérique (Vingt Ans de Recherches 1968-1987)*, editado pelo Centre Pierre Paris, em 1993, que reúne as crónicas quinquenais que regularmente foram sendo publicadas pelo conjunto dos in-

vestigadores daquele Centro nas páginas da REA. Eu próprio tive ensejo de, em 1993, gizar uma pequena síntese sobre este mesmo tema e, no congresso de Epigrafia de Nîmes, procurei delinear um panorama sobre a pesquisa no âmbito específico da Epigrafia nas últimas duas décadas (Encarnação 1992).

num campo (só aparentemente) restrito, o da Epigrafia— a necessidade de se encontrar, a partir de 1982, através do *Ficheiro Epigráfico*, uma forma expedita de se darem a conhecer ao mundo científico os inúmeros monumentos epigráficos inéditos (cf. Encarnação 1988).

Poderemos afirmar, por conseguinte, que a década de 90 se está a caracterizar, neste âmbito, por uma enorme vitalidade, a que não será alheia a maior densidade de universidades (públicas e privadas) criadas entretantes, em que se não têm descurado as vertentes da Histórica Antiga, da Arqueologia, da Epigrafia e, até, da Numismática, até há muito pouco consideradas quase «parentes pobres» nos *curricula* universitários. A isso não é também indiferente, estou certo, a necessidade gerada pelo «espectro da uniformização europeia» que incita cada região a relevar as suas mais remotas «raízes»².

Essa vitalidade manifesta-se:

- no aumento substancial de escavações, acompanhadas pela preocupação em musealizar os vestígios postos a descoberto, com vista à sua plena fruição pelo público (cf. Encarnação 1989);
- no número significativo de trabalhos de fim de curso e de dissertações (de mestrado e doutoramento) que têm por tema a época romana³;
- no notável incremento de publicação de artigos quer em revistas de longa tradição (como *O Arqueólogo Português* e a *Conimbriga*) quer noutras que foram surgindo a nível local (v. g. *Al-madan*, *Vípasca*) ou institucional (exemplo: *os Anais* —série História— da Universidade Autónoma de Lisboa);
- na promoção de reuniões científicas especializadas.

Recorde-se, de passagem e antes de prosseguirmos, que, em Portugal, se verificam duas circunstâncias a ter em conta:

- em primeiro lugar, existe ainda um «divórcio» entre os Estudos Clássicos e a Arqueologia que dispõem habitualmente, na estrutura universitária, de organismos autónomos;

² É curioso verificar como a Arqueologia, designadamente a Arqueologia romana, passou a ter maior divulgação entre o público, mesmo o não-especializado. Refiro, a título de exemplificação, que: o jornal diário *Público*, de Lisboa, inseriu, na sua edição de 10 de Janeiro de 1993, um suplemento de 32 páginas, profusamente ilustrado, sobre o Museu Monográfico de Conímbriga; em 1994, o semanário *Expresso*, na II série dos seus cadernos *Roteiros de Portugal*, dedicou o n.º 7 (36 pp.) a «Sítios Romanos» (Conímbriga, S. Cucufate, Miróbriga, Egitânia, Torre de Palma e Milreu); a conceituada revista *Les Dossiers d'Archéologie* dedicou a Portugal (*De la Préhistoire à l'époque romaine*) o n.º 198 (Novembro 1994); por seu turno a madrilenha *Revista de Arqueologia* tratou de Miróbriga, «una ciudad romana en la Lusitania atlántica», no seu n.º 145 (Maio 1993), pp. 36-47.

Aliás, na segunda metade da década anterior, o (então) Instituto Português do Património Cultural tomou ele próprio a iniciativa de editar (em Português, Francês e Inglês) *Roteiros da Arqueologia Portuguesa*, de que se publicou, em 1986, o n.º 1, *Lisboa e Arredores*; o

2.º, *Ruínas de Conimbriga*, teve uma 2.ª edição, de 10.000 exemplares, em Junho de 1989; o n.º 3 —e último da série até ao momento— foi dedicado também a uma cidade romana, Miróbriga, e está datado já de 1990.

Também em 1990, os responsáveis pelos trabalhos em Braga lançaram, em versão trilingue, *Bracara Augusta - Roteiro Arqueológico*, que prontamente se esgotou.

³ Recordaria, a título de exemplo, as dissertações de doutoramento, ainda inéditas, de João Luís da Inês Vaz, sobre *A Civitas de Viseu - Espaço e Sociedade*, defendida na Universidade de Coimbra, em Outubro de 1993, e de Francisco de Sande Lemos, sobre a Proto-História e a Romanização de Trás-os-Montes, apresentada também em Outubro de 1993, na Universidade do Minho. Por outro lado, Maria da Conceição Lopes e Amílcar Guerra publicaram recentemente (1994 e 1995) os textos das provas feitas nas respectivas universidades (Coimbra e Lisboa), no âmbito da sua progressão na carreira: a primeira, sobre a aplicação da informática ao estudo da cerâmica romana; o segundo, uma revisão das alusões de Plínio-o-Velho à Lusitânia.

— depois, a História Antiga não se constituiu ainda em pólo dinamizador dum conjunto de disciplinas susceptíveis de criar departamentos ou institutos *a se*, como acontece noutros países europeus.

Por conseguinte, é mais no seio dos vários institutos universitários de Arqueologia e das muitas associações locais de defesa do património que estão a desenvolver-se, neste âmbito, as maiores iniciativas, sem esquecer a actividade dos serviços regionais dependentes do Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico.

Ente os temas passíveis de serem abordados numa panorâmica destas, afigura-se-nos dever apontar os seguintes:

1. os trabalhos arqueológicos em *villae* e em cidades;
2. a investigação sobre a problemática dos territórios;
3. as reuniões científicas;
4. a pesquisa em epigrafia e em numismática;
5. a publicação de colecções.

1. O CAMPO E A CIDADE

1.1. *O campo*

A já referida mesa-redonda de Salamanca (Janeiro de 1993) debruçou-se, de modo especial, sobre a vida rural na Lusitânia, em que as *villae* detêm, por isso, papel fundamental (Fabião 1993). Não é apenas a estruturação espacial da *villa* que nos interessa; é, também, o seu enquadramento socioeconómico, a sua integração na paisagem: porque é que a *villa* se localizou aqui e não noutro sítio?

Cite-se, em primeiro lugar, como obra exemplar e pioneira, a que dá conta dos resultados das campanhas de escavação sistemática na *villa* de S. Cucufate (Alarcão, J., 1990). Dois volumes (o segundo, de estampas) que constituem a mais completa reflexão sobre a vida rural no Sul da Lusitânia ao longo de toda a ocupação romana, pois que, em vez de uma só *villa*, há três sobrepostas, correspondentes a sucessivas ocupações e, também, a diferentes concepções da existência e da economia (cf., por exemplo, a recensão de Manuela Martins in *Conimbriga* 30, 1991, pp. 165-172). E o trabalho pode assumir-se como pioneiro porque, pela primeira vez, se procurou fazer a escavação completa duma *villa*, facto, até então, nunca concretizado.

Na mesma ordem de ideias se há-de incluir a actividade desenvolvida por Theodor Hauschild, do Instituto Arqueológico Alemão, na *villa* de Milreu, perto de Faro. Trata-se duma *villa* já conhecida desde o século XIX mas em que os trabalhos de sistemático levantamento topográfico das estruturas e continuada escavação têm proporcionado notáveis conhecimentos, embora nada haja ainda publicado nesta década (cf., por exemplo, Hauschild 1984-1988, com mais bibliografia).

A *villa* de Freiria — onde, inspirando-nos na experiência de S. Cucufate, estamos a proceder a um trabalho sistemático de escavação (cf. *Al-madan*, 4, Outubro 1995, p. 167) — tem-se revelado com algum interesse, designadamente porque se deu particular atenção à sua *pars rustica*, identificando-se, além da *domus* e dos complexos termas, um lagar de azeite bastante bem conservado e toda a estrutura de um *horreum* de notáveis proporções (cf. Cardoso 1992-1993).

Estes e outros trabalhos proporcionaram já as primeiras sínteses incluídas nas obras gerais sobre a História de Portugal recentemente publicadas⁴.

Pelas características ímpares da sua arquitectura, nomeadamente pelo requinte dos mosaicos do seu peristilo octogonal, merece referência especial a *villa* do Rabaçal, nas imediações de Conímbriga, cuja escavação e valorização decorrem sob a orientação de Miguel Pessoa (cf. Pessoa 1991).

Relacionado intrinsecamente com a localização das *villae* está a questão do abastecimento de água. Neste domínio, prosseguiu, pois, uma interessante investigação sobre barragens, cujos primeiros resultados já haviam sido dados a conhecer (Quintela *et alii*, 1986) e de que nova série será publicada no volume de 1995 da revista *Conímbriga*. Aliás, já no volume anterior dessa mesma revista (1993-1994), diversos artigos tratam o tema também.

Embora ligados simultaneamente ao ambiente rural e ao urbano, caberá uma palavra aqui ao estudo dos mosaicos, que vem merecendo particular atenção. Para além do trabalho de restauro e consolidação em que o Museu de Conímbriga se tem notabilizado (cf. Alarcão, A., 1987), sente-se uma grande preocupação no seu estudo integrado, existindo mesmo projectos de investigação nesse domínio. Já citámos a obra de Isabelle Morand; saliente-se com muito agrado: a publicação do excelente volume monográfico sobre a Casa dos Repuxos de Conímbriga, fruto do incansável labor de João Manuel Bairrão Oleiro (1992); e a exposição feita em Paris, em 1994, sob o título *Chevaux Vainqueurs - Une Mosaïque Romaine de Torre de Palma (Portugal)*, cujo catálogo inclui o estudo iconográfico do mosaico, da responsabilidade de Janine Lancha, e uma nota, da autoria de Carlos Beloto, relativa à metodologia do restauro. Esta exposição integrou-se, aliás, no projecto da Missão Luso-Francesa que fixou como objectivo o estudo sistemático dos mosaicos romanos do Sul de Portugal.

1.2. A cidade

Diversos aglomerados urbanos actuais se situam sobre cidades romanas: Braga (*Bracara Augusta*), Chaves (*Aquae Flaviae*), Coimbra (*Aeminium*), Lisboa (*Olisipo*), Évora (*Ebora*), Alcácer do Sal (*Salacia*), Beja (*Pax Iulia*), Mértola (*Myrtilis*)... É natural, portanto, que a arqueologia urbana esteja, entre nós, como nos demais países europeus, em franco desenvolvimento, mercê dos constantes e necessários trabalhos de reordenamento urbano.

Em Fevereiro de 1994, realizou-se precisamente em Braga o II Encontro de Arqueologia Urbana (cf. *Al-madan*, 3, Julho 1994, p. 145), cujas actas estão no prelo; e seria fastidioso especificar as inúmeras (e algumas sensacionais) descobertas levadas a efeito nos últimos cinco anos um pouco por toda a parte. Salientemos apenas algumas.

⁴ Sob a direcção de Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques, começou a Editorial Presença uma *Nova História de Portugal*, cujo I volume, coordenado por Jorge de Alarcão, se intitula *Portugal das Origens à Romanização* (Lisboa, 1990). A terceira parte trata do domínio romano e, neste particular, interessarão os capítulos V («A produção e a circulação dos produtos» - pp. 409-441) e VII («A construção na cidade e no campo» - pp. 462-489), ambos da autoria de Jorge de Alarcão.

A Editorial Estampa, por seu turno, solicitou a José Mattoso que superintendesse a uma outra *História de*

Portugal. O primeiro volume, com o subtítulo *Antes de Portugal* (Lisboa, 1993), contém um amplo capítulo, da autoria de Carlos Fabião, designado «O passado proto-histórico e romano» (pp. 76-299). A problemática das *villae* é abordada nas pp. 268-277.

Finalmente, na *História de Portugal dos Tempos Pré-Históricos aos Nossos Dias*, uma iniciativa de Ediclube-Edição e Promoção do Livro, Lda., sob a direcção de João Medina, coube a António Carvalho debruçar-se sobre essa temática, nas pp. 275-288 do II volume (*O Mundo Luso-Romano*) (Amadora, 1993).

Em Braga, na sequência duma ampla operação de «salvamento de Bracara Augusta» iniciada há dezasseis anos, está permanentemente em campo um grupo de trabalho que tem dado a conhecer as mais diversas estruturas da cidade, desde necrópoles a termas, bairros, panos de muralha...⁵

Em Lisboa, as obras da nova rede do metropolitano toparam recentemente com a *spina* do circo olisiponense (Amaro 1994 e 1995).

Em Coimbra, os trabalhos de renovação do Museu Nacional de Machado de Castro, sito no local do *forum* de *Aeminiun*, permitiram compreender melhor esta estrutura urbana; Pedro Carvalho, que, sob a orientação de Jorge de Alarcão, tem superintendido às sondagens, vai apresentar os resultados na sua dissertação de mestrado a defender em 1996 (Carvalho 1995).

Em Évora, cidade classificada como «património mundial», o centro histórico merece uma atenção particular, atendendo à circunstância de, a cada passo, se encontrarem vestígios da *Liberitas Iulia Eborae* (cf. Correia 1994a). Aqui, os trabalhos mais espetaculares prendem-se com a área envolvente do templo ao culto imperial, que Theodor Hauschild pôs a descoberto (cf. Hauschild 1991).

Em Beja, Maria da Conceição Lopes tem acompanhado de perto todos os revolvimentos do solo por via das obras citadinas e aguarda-se com boas expectativas a possibilidade de publicar as conclusões a que já chegou acerca da evolução do tecido urbano desde a fundação da colónia (cf. também Correia, S., 1994).

Em Miróbriga, na sequência das campanhas luso-americanas dos anos 80, houve todo um processo de reinterpretação e de valorização do sítio que foi posto em marcha (cf. Barata 1993).

Conímbriga teve a rara sorte de haver sido abandonada logo nos primórdios da Idade Média, aquando da invasão dos Suevos; por isso, depois das campanhas luso-francesas ali levadas a efeito e que levaram ao conhecimento do que de mais importante interessava do ponto de vista monumental⁶, não havia necessidade premente de novas intervenções. Mesmo assim, para além de sondagens várias na muralha, fez-se uma campanha na área do anfiteatro, hoje parcialmente coberto pelo casario de Condeixa-a-Velha (cf. Correia, V., 1994); protegeu-se com uma cobertura a Casa dos Repuxos; e ensaiou-se uma perspectiva do que teria sido o centro monumental flávio da cidade (Alarcão, J., 1994).

Lisboa foi, como se sabe, designada «Capital Europeia da Cultura» em 1994. O Instituto Português de Museus considerou a circunstância oportuna para se mostrarem os vestígios arqueológicos da urbe. Concebeu-se, pois, a exposição Lisboa Subterrânea, cujo catálogo, bem apresentado, proporcionou, além do mais, o pretexto para um conjunto de reflexões especializadas sobre temas ligados à problemática em apreço. Para se montar essa exposição no Museu Nacional de Arqueologia, tornou-se necessário desmontar uma outra, de carácter permanente, intitulada *Portugal das Origens à Época Romana*, cujo catálogo, editado em 1989, fruto do trabalho concertado dos mais conceituados especialistas portugueses nas diversas disciplinas, acabou por constituir igualmente uma excelente síntese sobre os mais significativos materiais guardados naquele museu. Apesar da polémica que gerou, a iniciativa foi avante; e, por conseguinte, o bonito catálogo da novel exposição não deve deixar de ser cotejado com o muito que sobre ele se discretou no n.º 3 (II série - Julho de 1994) da revista *Al-madan*, que amplo espaço lhe dedicou.

⁵ Na impossibilidade de fornecer um rol exaustivo das publicações referentes a *Bracara Augusta*, remetemos para a comunicação «Dezasseis anos de Arqueologia Urbana em Braga. Problemática da reconstituição de uma cidade romana», *Actas do II Encontro de Arqueologia*

Urbana (Braga, 1994), no prelo; é da responsabilidade de J. Alarcão, M. Delgado, M. Martins e F. S. Lemos. Cf. também Martins 1994.

⁶ O último volume do relatório dessas campanhas (*Fouilles de Conímbriga-VII*) data já de 1979.

A investigação levada a cabo, nos últimos anos, por Lino Augusto Tavares Dias em Freixo (Marco de Canaveses) culminou com a apresentação da sua dissertação de doutoramento, na Universidade do Porto (Setembro 1995). Nela dá a conhecer e interpreta as estruturas arquitectónicas e urbanísticas e os materiais exumados num sítio que se identificou como sendo a cidade luso-romana de Tongóbriga (Dias 1995). Aguarda-se, agora, a sua publicação.

Em Bobadela, concelho de Oliveira do Hospital, existiu uma *civitas splendidissima* (CIL II 397), cujo nome por enquanto se desconhece. Aí já se identificou o *forum*, o anfiteatro e a eventual continuação da pesquisa promete novidades (cf. Frade 1994 e 1995).

2. OS TERRITÓRIOS

Por influência, quiçá, da chamada «Arqueologia espacial» e, também, porque se tomou consciência da importância que detiveram — e continuam a deter — as questões que se prendem com o «território», começou a dar frutos nesta década a reflexão, iniciada anos atrás⁷, acerca dos limites territoriais. Limites dos povos pré-romanos, limites das próprias províncias romanas, limites das *civitates* e, se possível, dos *populi* e doutras entidades populacionais mais diminutas.

Poderá afirmar-se que tem sido o Prof. Jorge de Alarcão, da Universidade de Coimbra, o grande entusiasta por este tipo de investigação. Fora ele, de resto, o orientador da (já referida) tese da Dra. Manuela Martins e nessa mesma direcção orientou as dissertações — também citadas — de Francisco de Sande Lemos e de João Luís da Inês Vaz; Maria da Conceição Lopes ultima, sob sua orientação, o estudo do território de Pax Iulia. E são vários os artigos que tem preparado nesse domínio; aliás, ainda no recente colóquio sobre a rede viária da Galécia (Braga, Novembro de 1995), escolheu justamente o tema «*Populi* da *Callaecia*: sua localização no território português». No âmbito do Seminário de Arqueologia que rege, vem encaminhando os estudantes para a determinação dos territórios dos chamados «castros», estudos que irão certamente desembocar numa eficaz clarificação de toda esta momentosa problemática.

3. AS REUNIÕES CIENTÍFICAS

Acabo de referir o colóquio sobre a rede viária da Galécia, uma iniciativa do Parque Nacional da Peneda-Gerês em conjunto com o seu homónimo galego e a Universidade do Minho. Discutiu-se aí, durante dois dias, a importância da «Geira», a via XVII, que ligava Braga a Astorga. Um vestígio romano ímpar, mesmo a nível mundial, quer pelo excelente estado de conservação de boa parte do seu percurso, quer pelo extraordinário número de miliários que subsistem, quer pelos outros vestígios arqueológicos (pontes, *mutationes*, pedreiras...) que lhe estão adjacentes. O estudo exaustivo desta via — cujo «Roteiro» se publicará muito em breve — constituirá, estou certo, uma das grandes novidades a nível da Arqueologia romana em Portugal e na Galiza, nos próximos anos.

Mas este colóquio foi o mais recente duma série de reuniões científicas, concernentes directa ou indirectamente à época romana, que se concretizaram em Portugal nos últimos cinco anos.

⁷ Poderá, porventura, considerar-se a dissertação de doutoramento de Manuela Martins (1990) um dos primeiros trabalhos publicados nesse âmbito.

O primeiro realizou-se em Coimbra, em Outubro de 1990: o II Congresso Peninsular de História Antiga, cujas actas se publicaram em 1994.

Em Outubro de 1993, coube a vez à Universidade do Porto de organizar o 1.º Congresso de Arqueologia Peninsular, onde, como é natural, a par de comunicações sobre os mais variados temas, a romanização deteve lugar relevante. As Actas foram publicadas na revista TAE, em sete volumes (até ao momento em que escrevemos, porque se prevê ainda a publicação de um VIII), desde o vol. 33 (fasc. 1-2), datado de 1993, até ao vol. 35 (fasc. 3), de 1995. Um labor ingente, um acervo ímpar de informação actualizada: cf. *Al-madan*, 3 (Julho 1994), p. 144, e 4 (Outubro 1995), p. 154.

Em Outubro de 1994, realizou-se, em Coimbra e na Figueira da Foz, o VI Colóquio sobre Línguas e Culturas Paleo-Hispânicas (cf. Velaza 1994 e *Al-madan*, 4, Outubro 1995, pp. 160-161). Embora não se prenda directamente com o período romano, o certo é que muita da informação que temos sobre as civilizações da chamada II Idade do Ferro peninsular nos chegou através de fontes romanas. Por outro lado, uma histórica da ocupação romana há-de forçosamente ter em conta os fenómenos iniciais da aculturação. Anuncia-se para breve a publicação das actas, sob o título *La Hispania Prerromana* (Salamanca, 1996).

Neste âmbito da aculturação, o santuário rupestre romano de Panóias detém posição invulgar. Justificava-se, portanto, que, num momento em que se começava a estudar a melhor forma de musealizar o sítio, os vários especialistas viessem dialogar e apresentar as conclusões mais salientes a que haviam chegado. O Encontro Internacional sobre Panóias reuniu, em Vila Real, de 24 a 26 de Fevereiro de 1995, cerca de 80 participantes (cf. *Al-madan*, 4, Outubro 1995, p. 160).

Quase como corolário deste, um outro encontro internacional se concretizou, pouco tempo depois (de 16 a 18 de Março de 1995), em Sintra, sobre «Divindades Indígenas e Intepretatio Romana» (cf. *Al-madan*, 4, Outubro 1995, p. 161).

4. A PESQUISA EM EPIGRAFIA E EM NUMISMÁTICA

Após um período de relativo «adormecimento» dos estudos numismáticos, jovens investigadores —incentivados, no Porto, por Rui Centeno, e, em Coimbra, por Maria da Conceição Lopes (que tem trabalhado em íntima colaboração como Jean-Pierre Bost, do Centre Pierre Paris)— estão a apresentar, agora, os resultados dos seus estudos, que vão abrir novas perspectivas tanto do ponto de vista económico propriamente dito como, inclusive, no âmbito da ideologia política.

Prosegue também a bom ritmo a actividade dos membros do «Grupo Mérida», que tem a seu cargo um projecto de investigação sobre «Culturas e Sociedades da Lusitânia Romana». Trata-se de um projecto em que se encontram envolvidos especialistas de diversas universidades espanholas, portuguesas e francesas, e que visa elaborar, numa primeira fase, um atlas antroponímico da província, com vista a detectarem-se as diversas contribuições culturais que estão na origem da realidade «Lusitânia romana».

5. A PUBLICAÇÃO DE COLECÇÕES

Só dizer-se, por vezes, que os museus continuam a ser grandes estações arqueológicas por explorar. Daí que tenha havido, por parte dalguns investigadores e directores de museus, a preocupação de incentivar o estudo de importantes espólios há muito ali guardados (cf. Raposo 1993).

Embora se integre primordialmente no *Corpus Signorum Imperii Romani*, a obra de Vasco de Souza, editada pelo Instituto de Arqueologia de Coimbra com data de 1989 e começada a distribuir já nesta década, pode considerar-se igualmente neste grupo de publicações de colecções, porquanto a maior parte dos elementos escultóricos ali estudados se encontram em museus e nunca haviam sido alvo de uma publicação sistemática.

Na sequência da actividade que desenvolvera na década anterior e que levava à edição, em 1985, da obra sobre a cerâmica comum exumada em necrópoles romanas do Nordeste alentejano e que jaziam nos museus de Elvas e de Vila Viçosa, Jeannette U. Smit Nolen estudou, depois, as colecções cerâmicas e de vidro procedentes de antigas escavações em Balsa e que se encontravam, inéditas, no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa. Daí resultou o notável volume publicado em 1994. E a mesma investigadora procede, neste momento, a idêntica tarefa em relação ao espólio arqueológico pertencente à Fundação da Casa de Bragança, em Vila Viçosa — de que, de resto, já apresentou uma pequena, mas significativa, amostra (Nolen 1993-1994).

Simultaneamente com a apresentação pública deste volume, editado pelo Instituto Português de Museus, inaugurou-se, a 18 de Janeiro de 1995, no Museu Nacional de Arqueologia, a exposição *Um Gosto Privado, Um Olhar Público: Doações*. Uma iniciativa que teve como principal razão de ser a oferta, em 1990, àquele Museu, da parte de D. Luís Bramão, de um interessante espólio, em que os materiais romanos eram predominantes. A ocasião foi pretexto para se estudarem também duas outras colecções doadas, anos atrás, por dois outros beneméritos: a de Bustorff Silva, em 1969 (cf. Simões 1987), e a dos materiais arqueológicos que integravam a colecção de Barros e Sá (doada, em 1969, ao Museu Nacional de Arte Antiga) entregues ao Museu Nacional de Arqueologia, em 1986. Da exposição se elaborou um pormenorizado catálogo, de 240 páginas (cf. Pereira 1995).

Em jeito de conclusão deste brevíssimo esboço, poderemos, pois, afirmar — sem receio de errar — que se antojam como assaz auspiciosos os resultados da investigação sobre a época romana ora decorrentes em Portugal.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
Instituto de Arqueologia
Universidad de Coimbra

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, A. M. e BELOTO, C., 1987: *Restauro de Mosaico*, Lisboa.
- ALARCÃO, J., 1988: *Roman Portugal*, Warminster. A versão portuguesa do I volume foi editada, nesse mesmo ano, por Publicações Europa-América (Mem Martins), sob o título *O Domínio Romano em Portugal*.
- ALARCÃO, J.; ÉTIENNE, R.; MAYET, F., 1990: *Les Villas Romaines de São Cucufate (Portugal)*, Paris.
- ALARCÃO, J.; ÉTIENNE, R.; GOLVIN, J.-C., 1994: *Conimbriga - A Maqueta do Centro Monumental Flaviano*, Conimbriga.
- AMARO, C., 1994: «A arqueologia urbana em Lisboa - Balanço e reflexão», *V Jornadas Arqueológicas*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Maio 1993, Lisboa, pp. 219-221.
- , 1995: «Dois significativos sítios romanos de *Olisipo* (Lisboa)», *Boletim de Estudos Clássicos* (Coimbra), 24, Dezembro 1995, pp. 156-158.
- BARATA, M. F. S., 1993: «A cidade romana de Miróbriga», *Al-madan*, 2, Julho 1993, pp. 13-20.
- CARDOSO, G. e ENCARNAÇÃO, J. d', 1992-1993: «A villa romana de Freiria e o seu enquadramento rural», *Studia Historica-Historia Antiqua*, Salamanca, 10-11, pp. 203-217.
- CARVALHO, P. C., 1995: «Novos dados arqueológicos sobre o *forum* de *Aeminium*», *Boletim de Estudos Clássicos*, 24, Dezembro 1995, pp. 158-159.

- CENTENO, R. M. S., 1987: *Circulação Monetária no Noroeste de Hispânia até 192*, Porto.
- CORRELA, S., e OLIVEIRA, J. C., 1994: «Intervenção arqueológica na Rua do Sembrano - Área urbana de Beja. Campanhas de 1988 a 1990», *V Jornadas Arqueológicas*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Maio 1993, Lisboa, pp. 195-202.
- CORRELA, V. H., 1994: «O anfiteatro de Conimbriga. Notícia preliminar», in: *Colóquio Internacional: El Anfiteatro en la Hispania Romana*, Mérida, pp. 327-343.
- , 1994a: «O anfiteatro de Évora. Notícia da sua identificação», in: *Colóquio Internacional: El Anfiteatro en la Hispania Romana*, Mérida, pp. 345-348.
- CURCHIN, Leonard A., 1991: *Roman Spain. Conquest and assimilation*, Londres.
- DIAS, L. A. T., 1995: «Tongobriga», *Boletim de Estudos Clássicos*, 24, Dezembro 1995, pp. 152-154.
- ENCARNAÇÃO, J. D', 1984: *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis (Subsídios para o Estudo da Romanização)*, Coimbra.
- , 1988: «Ficheiro Epigráfico - uma experiência em curso em Portugal», *TAE*, 27, pp. 245-247.
- , 1989: «A Arqueologia e a modificação da paisagem», *Biblos*, 65, Coimbra, pp. 201-220.
- , 1992: «La recherche sur l'épigraphie romaine au Portugal», comunicação ao X Congrès International d'Épigraphie Grecque et Latine (Nîmes, Outubro de 1992) (em publicação nas actas).
- FABIÃO, C., 1993: «O meio rural na Lusitânia romana», *Al-madan*, 2, Julho 1993, p. 149.
- FRADE, H.; PORTAS, C., 1994: «O anfiteatro de Bobadela», in: *Colóquio Internacional: El Anfiteatro en la Hispania Romana*, Mérida, pp. 349-371.
- FRADE, H.; CAETANO, J. C.; PORTAS, C.; MADEIRA, J. L., 1995: «Notas para o estudo do urbanismo da cidade romana de Bobadela», *TAE*, 35 (4) (no prelo).
- GUERRA, A., 1995: *Plínio-o-Velho e a Lusitânia*, Lisboa.
- HAUSCHILD, T., 1984-1988: «O edifício de culto do complexo de ruínas romanas perto de Estoi, província da Lusitânia», *Arqueologia e História*, Lisboa, série X, vol. I/II (1), pp. 121-150.
- , 1991: «El templo romano de Évora» *Cuadernos de Arquitectura Romana*, Mérida, 1.
- LE ROUX, P., 1982: *L'Armée Romaine et l'Organisation des Provinces Ibériques...*, Paris.
- , 1995: *Romains d'Espagne (Cités et politique dans les provinces - IIe siècle av. J.-C./ IIIe siècle ap. J.-C.)*, Paris.
- LOPES, M. C., 1994: *A Sigillata de Represas - Tratamento Informático*, Conimbriga/Anexos 2, Coimbra.
- MARTINS, M., 1990: *O Povoamento Proto-Histórico e a Romanização da Bacia do Curso Médio do Cávado*, Braga.
- MARTINS, M.; LEMOS, F. S.; DELGADO, M., 1994: «Arqueologia urbana em Braga (1976-1993)», *V Jornadas Arqueológicas*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Maio 1993, Lisboa, pp. 127-134.
- MORAND, I., 1994: *Idéologie, Culture et Spiritualité chez les Propriétaires Ruraux de l'Hispanie Romaine*, Paris.
- NOLEN, J. U. S., 1985: *Cerâmica Comum de Necrópoles do Alto Alentejo*, Lisboa.
- , 1993-1994: «Uma colecção particular de vidros romanos», *Conimbriga*, 32-33, pp. 321-332.
- , 1994: *Cerâmica e Vidros de Torre de Ares - Balsa*, Lisboa.
- OJEDA TORRES, J. M., 1993: *El Servicio Administrativo Imperial Ecuestre en la Hispania Romana durante el Alto Imperio: I. Prosopografía*, Sevilla.
- OLEIRO, J. M. B., 1992: *Conimbriga - Casa dos Repuxos*, Conimbriga.
- PEREIRA, M. H. R., 1995: «Três colecções de antiguidades no Museu Nacional de Arqueologia», *Boletim de Estudos Clássicos*, 24, Dezembro 1995, pp. 138-140.
- PESSOA, M., 1991: «Villa romaine de Rabaçal, Penela (Coimbra - Portugal): réalités et perspectives», *Conimbriga*, 30, pp. 109-119.
- QUINTELA, A. C.; CARDOSO, J. L.; MASCARENHAS, J. M., 1986: *Aproveitamentos Hidráulicos Romanos a Sul do Tejo (Contribuição para a Sua Inventariação e Caracterização)*, Lisboa.
- QUINTELA, A. C.; CARDOSO, J. L.; MASCARENHAS, J. M., 1995: «Barragens romanas do distrito de Castelo Branco e barragem de Alferrarede», *Conimbriga*, 34 (no prelo).
- RAPOSO, J., 1993: «Museus portugueses com colecções de Arqueologia», *Al-madan*, 2, Julho 1993, pp. 61-71.
- SALINAS DE FRIAS, M., 1995: *El Gobierno de las Provincias Hispanas durante la República Romana (218-27 A.C.)*, Salamanca.
- SIMÕES, M. H., 1987: «Os vidros romanos da colecção Bustorff Silva do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia», *O Arqueólogo Português*, série IV, 5, pp. 259-286.
- SOUZA, V., 1990: *Corpus Signorum Imperii Romani. Portugal*, Coimbra.
- TRANOY, A., 1981: *La Galice Romaine (Recherches sur le nord-ouest de la péninsule ibérique dans l'Antiquité)*, Paris.
- VELAZA, J., 1994: «VI Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas (Coimbra-Figueira da Foz, 13-15 Outubro 1994)», *Anuari de Filologia*, vol. XVII, secção D, n.º 5, pp. 219-223.

RESUMO

Traça-se uma panorâmica do que tem sido a investigação acerca do «Portugal romano» desde 1990. Entre os temas passíveis de serem abordados, foram escolhidos os seguintes:

1. os trabalhos arqueológicos em *villae* e em cidades;
2. a investigação sobre a problemática dos territórios;
3. as reuniões científicas;
4. a pesquisa em epigrafia e em numismática;
5. a publicação de colecções.

Conclui-se que, na sequência da pesquisa desenvolvida na década anterior, os estudos sobre a época romana apresentam-se promissores em Portugal.

RÉSUMÉ

On dresse un panorama de la recherche sur le «Portugal romain» depuis 1990, en soulignant notamment les thèmes suivants:

1. les fouilles de *villae* et urbaines;
2. la recherche sur la problématique du territoire;
3. les réunions scientifiques y organisées;
4. l'étude et publication des collections archéologiques des musées.

On peut conclure que cette recherche — qui va dans le sens de ce qu'on avait fait au Portugal dans les années 80 — vient de fournir déjà des résultats innovateurs.